Dispersão: 12 poesias por Mario de Sá-Carneiro

Mário de Sá-Carneiro

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Dispersão: 12 poesias por Mario de Sá-Carneiro

Mário de Sá-Carneiro

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Tiago Tejo

DISPERSÃO

DE MARIO DE SÁ-CARNEIRO:

+Amizade+, peça em 3 actos _(com a colaboração de Tomás Cabreira Junior)_--edição da Livraria Bordalo; Lisboa 1912.

+Princípio+, novelas _(Loucura..., O sexto sentido, Diarios, O incesto)_--edição da Livraria Ferreira, Lisboa 1912.

+Dispersão+, 12 poesias--edição do autor; Lisboa 1914.

+A Confissão de Lucio+, narrativa--edição do autor; Lisboa 1914.

+Céu em Fôgo+, novelas _(O homem dos sonhos, O fixador de instantes, Misterio, Novela errada, Asas, Claro-escuro, A estranha morte do Prof. Antena, Mundo interior, Ressurreição, Aquêle que estiolou o genio, Eu-proprio o outro, A grande sombra)_--a sair em 1915.

A seguir:

+Ideal+, novelas _(O homem que foi Deus, Algumas cartas de amor, A vitória, Triste amor, Um genio)_.

+Indicios d'Ouro+--Versos.

DISPERSÃO--12 POESIAS

POR MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

EM CASA DO AUTOR:

1, TRAVESSA DO CARMO--LISBOA 1914

Tiragem: 250 exemplares

Capa desenhada por

JOSÉ PACHECO

I--Partida

PARTIDA

Ao ver escoar-se a vida humanamente
Em suas aguas certas, eu hesito,
E detenho-me ás vezes na torrente
Das coisas geniais em que medito.

Afronta-me um desejo de fugir
Ao misterio que é meu e me seduz.
Mas logo me triunfo. A sua luz
Não ha muitos que a saibam reflectir.

A minh'alma nostalgica de àlem,
Cheia de orgulho, ensombra-se entretanto,

Aos meus olhos ungidos sobe um pranto
Que tenho a força de sumir tambem.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.
O que devemos é saltar na bruma,
Correr no asul á busca da beleza.

É subir, é subir àlem dos ceus
Que as nossas almas só acumularam,
E prostrados resar, em sonho, ao Deus
Que as nossas mãos de aureola lá douraram.

É partir sem temor contra a montanha
Cingidos de quimera e d'irreal;
Brandir a espada fulva e medieval,
A cada hora acastelando em Espanha.

É suscitar côres endoidecidas,
Ser garra imperial enclavinhada,
E numa extrema-unção d'alma ampliada,
Viajar outros sentidos, outras vidas.

Ser coluna de fumo, astro perdido,
Forçar os turbilhões aladamente,
Ser ramo de palmeira, agua nascente
E arco de ouro e chama distendido...

Asa longinqua a sacudir loucura,
Nuvem precoce de subtil vapor,
Ansia revolta de misterio e olor,

Sombra, vertigem, ascensão--Altura!

E eu dou-me todo neste fim de tarde
Á espira aerea que me eleva aos cumes.
Doido de esfinges o horizonte arde,
Mas fico ileso entre clarões e gumes!...

Miragem rôxa de nimbado encanto--
Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!
Alastro, venço, chego e ultrapasso;
Sou labirinto, sou licorne e acanto.

Sei a Distancia, compreendo o Ar;
Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;
Sou taça de cristal lançada ao mar,
Diadema e timbre, elmo rial e cruz...

. . . . . .

O bando das quimeras longe assoma...
Que apoteose imensa pelos ceus!
A côr já não é côr--é som e aroma!
Vem-me saudades de ter sido Deus...

* * * * *

Ao triunfo maior, àvante pois!
O meu destino é outro--é alto e é raro.
Unicamente custa muito caro:
A tristeza de nunca sermos dois...

Paris--fevereiro de 1913.

II--Escavação

ESCAVAÇÃO

Numa ansia de ter alguma cousa,
Divago por mim mesmo a procurar,
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,
E a minh'alma perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:
Brando a espada: sou luz harmoniosa
E chama genial que tudo ousa
Unicamente á força de sonhar...

Mas a vitória fulva esvai-se logo...
E cinzas, cinzas só, em vez do fogo...
--Onde existo que não existo em mim?

. . . . . .

Um cemiterio falso sem ossadas,
Noites d'amor sem bôcas esmagadas--
Tudo outro espasmo que principio ou fim...

Paris 1913--maio 3.

III--Inter-sonho

INTER-SONHO

Numa incerta melodia
Toda a minh'alma se esconde.
Reminiscencias de Aonde
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã d'armas! Manhã d'armas! Romaria! Romaria!

. . . . . .

Tacteio... dobro... resvalo...

. . . . . .

Princesas de fantasia Desencantam-se das flores...

. . . . . .

Que pesadelo tão bom...

. . . . . .

Pressinto um grande intervalo,
Deliro todas as côres,
Vivo em roxo e morro em som...

Paris 1913--maio 6.

IV--Alcool

ALCOOL

Guilhotinas, pelouros e castelos
Resvalam longemente em procissão;
Volteiam-me crepusclos amarelos,

Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas d'aureola aos meus ouvidos,
Grifam-me sons de côr e de perfumes,
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,
Desce-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,
Da luz que me ilumina participo;
Quero reunir-me, e todo me dissipo--
Luto, estrebucho... Em vão! Silvo pra àlem...

Corro em volta de mim sem me encontrar...
Tudo oscila e se abate como espuma...
Um disco de ouro surge a voltear...
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?
Ópio d'inferno em vez de paraíso?...
Que sortilegio a mim proprio lancei?
Como é que em dôr genial eu me eteriso?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu,
Foi alcool mais raro e penetrante:
É só de mim que eu ando delirante--
Manhã tão forte que me anoiteceu.

Paris 1913--maio 4.

V--Vontade de dormir

VONTADE DE DORMIR

Fios d'ouro puxam por mim
A soërguer-me na poeira--
Cada um para o seu fim,
Cada um para o seu norte...

. . . . . .

--Ai que saudade da morte...

. . . . . .

Quero dormir... ancorar...

. . . . . .

Arranquem-me esta grandeza!
--Pra que me sonha a beleza,
Se a não posso transmigrar?...

Paris 1913--maio 6.

VI--Dispersão

DISPERSÃO

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com